

Zine Circula Graffiti: A produção de *fanzine de graffiti* na Grande Vitória ES

Zine Circula Graffiti: The graffiti fanzine production in Grande Vitória ES

ISABELA MACHADO BRENDA

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória ES

RESUMO

Este artigo gira em torno dos *fanzines* como modo de circulação, memória e processo de produção do graffiti capixaba. Os componentes da Luz Do Mundo crew tinham a preocupação de guardar algumas das produções do graffiti que aconteciam no estado tanto como reuni-las. Foi uma maneira de assegurar que o caráter efêmero do graffiti possui na paisagem da cidade, não apagasse sua relevância aos modos da Arte de Rua. Surgiam assim os primeiros *Zines de graffiti* do Espírito Santo, Bombardeio e Emético *Zine* que lançam 6 edições entre 2002 a 2011. Dessa forma, popularizaram tudo que envolvia o graffiti: a linguagem, os processos, a estética, os autores, as influências.

PALAVRAS CHAVE

Fanzine, Graffiti Capixaba, Memória e Circulação, Cultura Visual e Material.

ABSTRACT

This article revolves around fanzines as a way of circulation, memory and the production process of graffiti from Espírito Santo. The components of the Luz Do Mundo crew were concerned with keeping some of the graffiti productions that took place in the state as much as bringing them together. It was a way of ensuring that the ephemeral character of graffiti has on the city landscape, not to erase its relevance to the ways of Street Art. This arose the first graffiti Zines of Espírito Santo, Bombardeio and Emético Zine that launched 6 editions between 2002 and 2011. Thus, they popularized everything that involved graffiti: language, processes, aesthetics, authors, influences.

KEY WORDS

Fanzine, Capixaba Graffiti, Memory and Circulation, Visual and Material Culture.

Considerações Iniciais

Este artigo tem como objetivo o resgate da produção dos fanzines feitos inicialmente por Fredone Fone e posteriormente por sua *crew* Luz do Mundo (LDM). Esta pesquisa está apoiada no trabalho¹ de Breda (2017) sobre o *graffiti*² capixaba, em que realizei uma coleta de materiais relacionados ao mundo do *graffiti*. Para a produção deste artigo foi necessário conhecer a história do movimento e da cultura *graffiti* local, principalmente na cidade de Serra-ES, no bairro de Feu Rosa, onde se encontram os *fanzines*, intitulados Os Primeiros *Zines*³ de *Grffiti* do Espírito Santo – ES, pelo próprio autor. Este contato com os *Zines* despertou o interesse de resgatá-las, já que seus próprios autores não possuíam mais os exemplares. Para encontrar todos os *Zines* foi necessário aproximadamente um ano de busca, que ocorreu em paralelo com um processo de análise de vocabulário, repertório, conteúdo e das personagens contempladas no impresso. A partir desta análise, foi possível estabelecer uma aproximação entre o objeto de pesquisa e o campo da crítica genética, o que contribuiu para o estudo sobre os *fanzines* de *graffiti*: Bombardeio e o Emético *Zine*.

Zine é um termo genérico para *fanzine*, que pelo campo da etimologia significa a junção entre as palavras “*fanatic*” e “*magazine*”, numa tradução livre, revistas produzidas por fãs. Os *fanzines* tem como prática trazer o aspecto *underground* em que os caracterizam por serem impressos amadores, reproduzidos por xerox, diferenciando-se das paginações brancas e estruturadas dos livros. Com essa postura, os autores dos *fanzines* são responsáveis por todas as etapas de sua produção, como a diagramação, composição, ilustração, montagem, divulgação, distribuição e venda. Na produção de *fanzines* é importante que toda publicação seja executada de modo amador, sem a intenção de lucro, apenas pela paixão de circular e do fazer *fanzine* (MAGALHÃES, 2003).

A circulação dos *fanzines* está representada na ideia de dispersão e reprodução máxima, que se dá pelo compartilhamento do conhecimento que é oferecido, sem a preocupação formal. Os *Zines* apresentados caminham entre duas concepções de publicações amadoras: *fanzine* e revista alternativa, ambas fazem parte da imprensa alternativa⁴. O *fanzine* pretende em sua circulação trazer informações, matérias, entrevistas, artigos e textos de forma geral, já a revista alternativa designa-se como uma produção artística, cultural inédita a ser veiculada.

Apesar da classificação de *fanzine* por parte dos autores (o que geralmente é colocado na capa) eles também possuem traços da revista alternativa, por apresentarem a produção artística cultural do *graffiti* capixaba, contudo, possuem a essência ideológica do *fanzine* pelo seu modo de fazer (MAGALHÃES, 2003). Por isso, podemos compreender que as duas concepções apresentadas abrangem a temática dos *Zines*.

1 Pesquisa realizada em Iniciação Científica/CNPq, 2016-2017.

2 A grafia *graffiti* é utilizada quando se inclui o movimento cultural que inclui as práticas da pichação, pixação e murais legalizados com estética do movimento.

3 *Zines* estão escritas com a letra maiúscula quando se refere às produções Bombardeio e o Emético *Zine*.

4 A imprensa alternativa surge na metade do século XX e se mescla com a comunicação popular em que foge do padrão conservador da época da ditadura.

A comunicação gráfica, lugar em que também transita a discussão sobre *fanzines*, é um campo de conhecimento que envolve sociedades e culturas, possibilitando formas de compreender o comportamento e a identidade que se formam, ligados aos conceitos da cultura visual e material. Assim, ao considerar o movimento do *graffiti*, um espaço envolvendo arte, disputa de espaço e resistência, se relaciona o estudo da cultura visual. Com isso, este campo de estudo é visto como uma prática social, culturalmente instituída que gera significados através da circulação pública. Martins (2013), considera o estudo da cultura visual uma diversidade imagética do mundo simbólico da arte, que se preocupa com as possibilidades das nossas percepções das imagens que estamos expostos, o autor cita:

A cultura visual busca elucidar como processos e articulações sociais, por meio de sistemas simbólicos, construíram a ideia de valores artísticos como uma “fábrica social diferenciada tanto em suas mecânicas de circulação pública como nas formas de sua incidência simbólica” (BREA, 2005 *apud* MARTINS, 2013).

A partir desta ideia de valores artísticos, pode-se dialogar com Gruzynsky (2008) que diz que “o visual como um espaço onde sentidos são criados e contestados”. O cenário do *graffiti* aparece em meio ao embate entre deixar a cidade “limpa” ou “suja”. A ideia de uma cidade “limpa” muitas vezes está associada a imagem das paredes brancas/cinzas, enquanto a imagem da “sujeira” pode estar associada a ação dos seus atores. Esta “sujeira”, porém, é na verdade fruto da prática cultural na qual os *graffiteiros* se inserem nos espaços abandonados, muros, fachadas, que são considerados uma desordenação na paisagem urbana, a tinta. Então, o *graffiti* conquista um espaço de contestação e transformação do urbano fomentando a ideia da cultura visual e material. Com isso, o conceito da cultura material, é o estudo sistemático de sua produção material, que existe um universo particular e complexo da comunidade pesquisada.

Os *Zines* são a representação material de um movimento cultural, artístico e social, da cultura visual e material do movimento do *graffiti* na Grande Vitória. Neles são possíveis resgatar a memória do *graffiti* no início dos anos 2000. Com isso, compreende-se pelo modo de fazer dos *Zines*, o espaço temporal em que eles estão inseridos, como o movimento veio se intensificando. Além disso, têm-se o objetivo analisar o processo criativo d'O Primeiro *Zine* de *Graffiti* do Estado do Espírito Santo. Com essa postura, compartilha-se da mesma ideia dos *fanzines*, ao repassar e informar sobre um movimento que faz uso do espaço da cidade ilegalmente, tanto questionando em seu modo de intervir, quanto os *fanzines* com os meios de circulação. Desta forma, tanto os *fanzines* quanto o *graffiti* contestam o sistema tradicional da arte e da circulação da comunicação.

Circulação e Memória

Os *fanzines* não transitam pelos meios de circulação tradicionais, então eles alcançam outros lugares e pessoas, podendo fazer parte do movimento do *graffiti* ou não. Com base na minha experiência na pesquisa sobre o *graffiti* na Grande Vitória, pude perceber que as intervenções que acontecem na cidade e fazem o *graffiti* circular estão intimamente ligadas aos conceitos de

circulação e seu movimento. Um exemplo dessa circulação é o fato de encontrarmos imagens identitárias em vários pontos da cidade. Essas imagens são simbologias que os atores deixam ao passar pelos locais, que podem ser utilizadas como uma espécie de demarcação territorial ou apenas para deixar marcas de sua passagem.

Ao perceber o princípio da circulação, o deambular e circular na cidade, nota-se as relações criadas pelas imagens urbanas do *graffiti*. É na repetição das imagens, que grande parte das práticas do *graffiti* se consolidam no urbano. Com isso, nas avenidas de grande circulação uma determinada imagem que se repete em toda sua via, remete a alguma coisa para além disso. Então, é na circulação da imagem que se cria uma significação, já que a relação entre essas imagens atua na identificação da movimentação dos atores. Essas relações, que podem acontecer entre as imagens, os espaços, os sujeitos estão conectados e podem estabelecer uma significação a respeito da circulação.

Em relação à sua efemeridade, o *graffiti* é uma resistência praticada ao ocupar a cidade, que acontece por diversos motivos: pela ação do tempo, limpezas das prefeituras e dos próprios cidadãos. Portanto, é também, nas ações efêmeras se constroem memórias nas relações da cidade, as manifestações visuais de:

Estes espaços da urbe se constituem como lugares, ou seja, sujeitos a constante produção de memórias, no processo de significação e construção da alteridade. Isso não significa que este movimento aconteça necessariamente através do apelo visual de determinados pontos da urbe, dedicados a uma memória legitimada, mas sim com espaços que se assumem, por atribuição e apropriação dos membros das comunidades. (HAMANN, *et al*, 2013)

Hamann (2013) explica como essas relações na cidade acometem lugares de memória que são apropriados pelos os membros da comunidade, se relaciona então nessas memórias criadas materialmente que conversa sobre o que é memória para Nora (1998) de que [...] “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. É nessa memória que os *zines* se encarregaram de transitar pelo tempo, pela resistência, pelo ocupar da urbe de quem a viveu. Ainda com Nora (1993) se apresenta a memória:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993 p. 9)

No conteúdo os *zines* compõem-se de manifestações visuais que não duram e que não alcançam todos pois nem todos circulam por todos os lugares dessas manifestações. Esses *zines* criaram uma memória. Um movimento de um grupo que foi crescendo e recebendo diversas

contribuições que foram compondo a cena capixaba que se encontra em evolução. Porém, vale ressaltar que, não se criou uma memória de gaveta, daquelas que precisa ser guardada e que não precisa ficar diante dos olhos para ser lembrada. Criou-se uma memória importante o suficiente para ser guardada, mas não pra ficar ausente, tampouco descartada. Usaram da estratégia de fazer acontecer uma ação de rememoração que ocorreu em um tempo e espaço e que continua circular. É a garantia de uma rememoração, que por mais que ficou no passado se faz presente circulando de novo como um instrumento da cultura material do movimento *graffiti*.

Para chegar aos zines

Ao encontrar a Bombardeio 1, disponibilizada online na *fanpage* da *crew*⁵ Luz Do Mundo - LDM, entrevistou-se Fredone Fone, idealizador, editor dos *Zines* e componente da LDM-*crew*, com isso, descobriu-se a existência dos outros 5 *Zines*. Fredone não possuía os outros *fanzines*, contou que a enchente de 2013 levou grande parte de seus trabalhos. Fredone ainda informou quem poderia ter guardado os outros zines. Com essa informação, começou a procura pelos demais *fanzines*.



Figura 1: Todos os *fanzines* de *graffiti* capixaba. Bombardeio nº 1 e nº 2, Emético nº 3, nº 4, nº 5 e nº 6.

Assim, Fredone indicou Smoke, morador da cidade da Serra, outro componente da cena capixaba de *graffiti* e colaborador dos *fanzines*. Smoke foi contactado pelas redes sociais

5 Grupo de *graffiteiros*. Caminha também para além de outras definições.

e informou ter os *Zines* Bombardeio nº 1, Emético nº 3 e nº 4. Smoke auxiliando nessa busca, entregou pessoalmente os exemplares e anunciou em sua rede social, que estava à procura dos *Zines* restantes, o que gerou uma surpresa positiva. Dothe, componente da *crew* C301, morador de Cachoeiro de Itapemirim, informou ter a Bombardeio nº 2, escaneou e enviou por e-mail. Moska, outro integrante da C301, que era morador de Vitória, tinha o fanzine Emético nº 6 guardado e disponibilizou para a pesquisa. Star_ que pertencente a *crew* Força Gravitacional - FG, também tinha a nº 6. Então faltava a Emético nº 5. Para isso, entrou-se em contato com Alecs *Power*, Ren e Fred novamente. Alecs não encontrou em sua casa. Ren, procurou em seu antigo computador, que também não encontrou. Ao passar do tempo, Fred entrou em contato e enviou o arquivo digital colorido da Emético nº 5.

O *hip-hop* e o *graffiti* nascem da mesma posição periférica nos anos 1970 nos Estados Unidos, a música e a arte de rua. Os *fanzines* surgem atrelados ao movimento do *hip-hop* que acontecia na Serra - ES, nos anos 1990. Fredone Fone e Alecs *Power*, criadores dos *fanzines*, se incluíam no movimento como Mestre de Cerimônia - MC e *B-boy*⁶, respectivamente, ambos dessa cultura musical. Fredone e Alecs eram de alguma forma cobrados a contribuir pela cultura *hip-hop* de sua localidade. Na Bombardeio 1, Cyborg, um componente da cena do *hip-hop* afirma sobre o *graffiti local*:

“O primeiro *graffiti* no estado surgiu em 1990, na época não tínhamos noção de estilo como *b-boys* tínhamos a obrigação de lutar pelo espaço dos 4 elementos da cultura *hip hop*. O segundo *graffiti* teve a participação de novos adeptos” [...]
(BOMBARDEIO, 2002 n 1, p .6)

Com isso, ressaltou a contribuição desse grupo de *graffiteiros* para o *hip-hop*, criando os *Zines* no início dos anos 2000, que demonstra a entrada deles no movimento cultural do *hip-hop* capixaba. Os *Zines*, comportando-se como meio de comunicação e apreciação, criam uma identidade panfletária pelo uso em xerox com caráter *underground* pelo seu modo caseiro de produção e distribuição.

A estrutura dos fanzines:

Os fanzines geralmente são compostos por três partes: (1) a capa, que faz a apresentação de seu conteúdo, se diferencia a cada edição, porém mantém em todas as edições a informação: “O Primeiro *Zine* de *Graffiti* do Espírito Santo”; (2) o editorial, que é composto por um texto de apresentação expressiva o editor do *Zine* presente também nas 6 edições; (3) o corpo do *zine*, que possui diversos tipos de conteúdo, como por exemplo, fotografias das pinturas de *graffiti*, entrevistas com os compositores da cena, poesias e etc.

(1) As Capas

6 Dançarino de *bboying/breaking*.



Figura 2 - As capas d'O Primeiro Zine de Graffiti do Espírito Santo

As mudanças das capas apresentam diferenças pertinentes ao logo de suas edições por causa do tempo e da tecnologia também do poder aquisitivo, por causa do acesso a *scanner*, computadores, internet. As capas 1 e 2 da Bombardeio utilizaram desenhos manuais com símbolos do *graffiti*. No Bombardeio 1, uma persona segurando um canetão escorrendo tinta, que foi sobreposto com a escrita dos conteúdos e as personagens que compõem o *fanzine* com seus desenhos, também manualmente. No Bombardeio 2 um *cap* – o dispositivo(bico) utilizado como

o condutor da tinta do *spray*, nessa edição foi utilizada mais interações digitais. As demais capas utilizaram da fotografia apresentando pinturas ou com gestos com a simbologia do *graffiti*. A única capa que se apresenta em modo paisagem foi o *fanzine* Emético nº 4, as outras estão em modo retrato. Seus preços mudam ao longo das edições e somente a Emético 5 vai apresentar cor nesta pesquisa por causa do modo que foi encontrada.

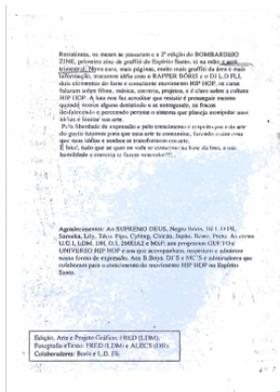
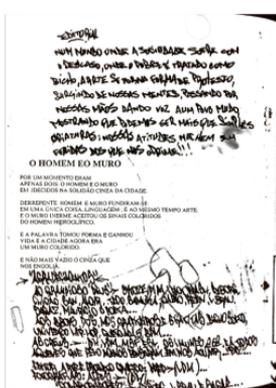


Figura 3 – Os editoriais d'O Primeiro Zine de Graffiti do Espírito Santo.

(2) Os Editoriais

Fredone Fone foi o editor das seis edições como apresentadas acima. No decorrer das edições podemos notar diversos diálogos, metáforas, poesias e resistência. Além disso, foi possível notar o amadurecimento tanto do editor quanto da cena. Fred conversou diretamente com o seu tempo e as mudanças que viveu tanto no país quanto em sua vida. Ressalto aqui a importância dos editoriais, pois de acordo com Paiva (2013), esta parte representa a expressão máxima do editor:

“O editorial é a página de expressão máxima do editor do *fanzine*, onde, de fato, mostra-se a que veio. Essas páginas costumam conter um alto nível de experimentação, ainda que também contenham textos muitas vezes longos” (PAIVA, 2013 p. 32).

Os *Zines* apresentam número de páginas diferentes, feitos de folha tamanho A5. Tem-se o nº 1 com 4 folhas, o nº4 com 16 folhas e nº 5 com 24 folhas. Além disso, para análise dos *Zines* não se encontrou os manuscritos que são importantes para a crítica genética, porém, parte-se para analisar a obra como seu próprio manuscrito (SALLES, 2000).

(3) O corpo das zines serão discutidos individualmente nos seguintes tópicos:

Bombardeio nº 1

A Bombardeio nº 1, foi criada no ano de 2002, nessa época o acesso aos computadores começava a se popularizar. A produção da matriz do *zine* foi um pouco artesanal e um pouco no computador. Seu arquivo final não coube em disquete, assim diminuíram a qualidade das fotos, para levar a xerox. Ao folheá-la, percebe-se seu modo de fazer. Mescla-se xerox, *scanner*, fotos de câmera analógica e a mão do editor.

A capa feita quase toda pela mão de Fredone, cria uma identidade caseira, incluindo um ‘estilo’ *throw-up*⁷ nas letras, em que anuncia o conteúdo, os componentes de *graffiti* e o “logo” do *fanzine*. Entende-se que a capa foi feita a mão, usando xerox para juntar todos os elementos e o computador para anunciar “O Primeiro *Fanzine* de *Graffiti* do ES” e seu preço R\$ 0,50. A ilustração conta com um garoto na capa e ilustra com excelência o próprio movimento do *graffiti* nessa época. Pois, tem-se um jovem franzino que não mostra o rosto que está encoberto por uma toca, na mão o “canetão” característica de quem produz e reproduz *tags*⁸. Na década de 1990, o *graffiti* estava ascendendo para virar “A Febre” que João Oliveira (2016) retratou em seu documentário. De acordo com Fred, todos que praticavam *graffiti* e que ele conhecia, reuniu na capa da nº 1. A capa estudada conta com borrões e testes de caneta.

No editorial há um texto poético de Fredone, defensor da arte como protesto, em que revela a essência da crítica social que nasce o *graffiti*. O editor disserta sobre aquele que os oprime,

7 (vômito) Letras simples e rápidas. Definição do *fanzine* Bombardeio nº1 (2002).

8 Assinatura. Definição do *fanzine* Bombardeio nº1 (2002).

sendo o *graffiti* um grito calado de um povo considerado mudo que transforma suas ruas em verdadeiras galerias. Essa página, foi a união de trabalho à mão e computador unindo os dois em xerox. Ainda se encontra poesia, agradecimentos e o nome dos colaboradores. Pode-se notar o transpassar da ilustração da capa da tinta da xerox no editorial.

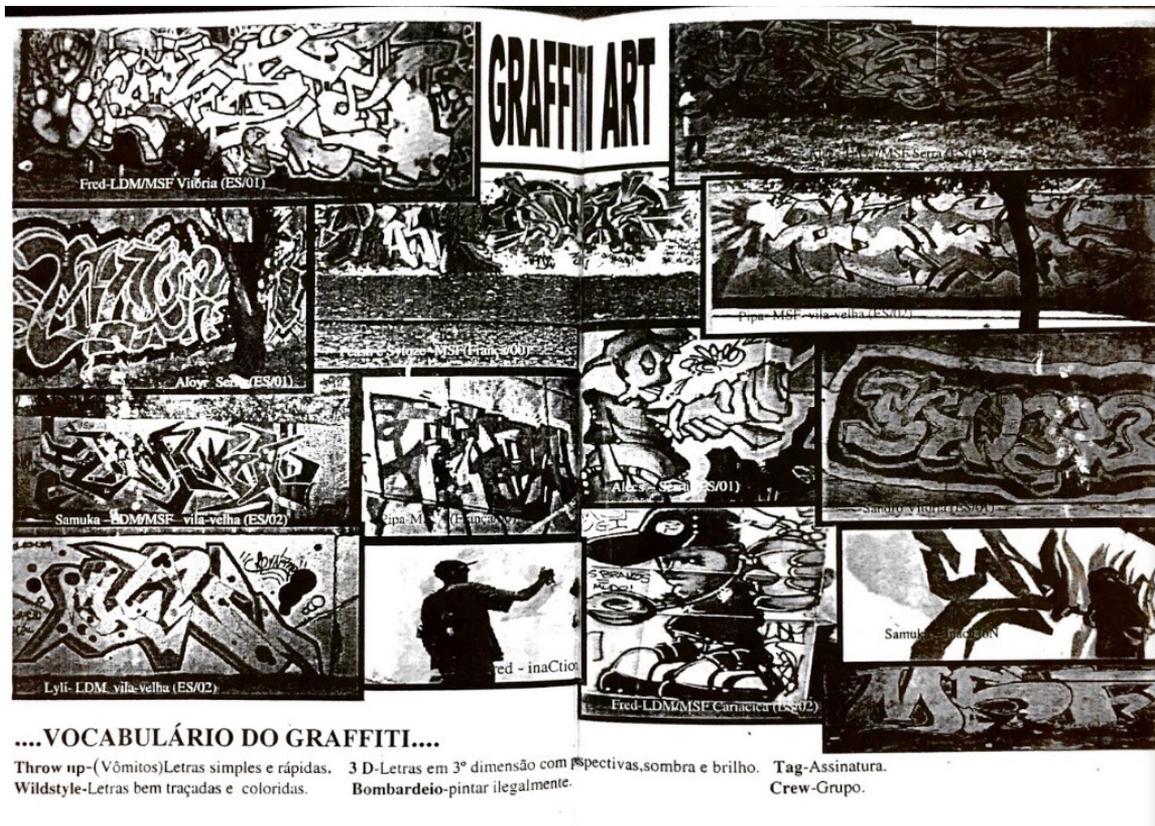


Figura 4 - Bombardeio nº1, páginas 4 e 5.

As páginas 4 e 5, se dão numa folha tamanho A4 em formato paisagem, vem enunciada pelo título “GRAFFITI ART”, recheada de fotos de *graffitis*. As legendas possuem os pseudônimos de seus autores, a participação em *crew*, por vezes o ano do *graffiti* e a cidade de onde foi feito. Os *graffitis* são letras e personagens e tem-se uma foto do Fredone de costas. As fotos são de câmera analógica e a construção da página A4 foi feita pela união das fotos escaneadas e xerocadas junto a uma parte escrita com o conteúdo Vocabulário do *Graffiti*, em que define o significado da nomenclatura usada entre compositores do cenário do *graffiti*.

Bombardeio nº2

Em 2003 lança-se a Bombardeio nº 2, sua matriz também foi feita em computador de

mesa, sua capa anuncia: entrevista, *bomb*⁹, *graffiti art*, esboço, *tag* e o preço, que dobrou. O logo foi mantido a mão, com mais detalhes, mas mantendo a mesma identidade. A ilustração é um *cap*¹⁰, nome do bico do *spray*, tendo o *spray* como símbolo do *graffiti*, foi feita por Fredone e a mão, a união dos informes e da ilustração foi feita em xerox. Já seu editorial feito todo em computador. Este, começa com “Resistimos” e retrata sobre a dificuldade de fazer *graffiti* e produzir *zine*. Fred escreve sobre as novidades que o *zine* traz como as entrevistas com *rapper* e DJ do *hip hop* da Serra, anunciando ainda que a *zine* seria trimestral, fato que não aconteceu. Nessa página se encontra agradecimentos, colaboradores e a autoria.

LEONARDO NUNES SOARES, 27 ANOS - SUSPEITOS NA MIRA - SERRA DOURADA III

ENTÃO VAI POR QUE L.D.FLI?
 DOM, L.D.FLI, JÁ SERVIU NA INTENÇÃO DE TÁ MESMO, QUE FOI O CYBORG DO VITÓRIA BREAK QUE COLOCOU, AGENTE TAVA NA CARRELA TREINANDO O BREAK, ISSO FUI EM 91, AI OS CARA QUERIAM COLOCAR UM TÁ NA EQUIPE DE FUNN, NA ÉPOCA A GENTE NÃO CHAMAVA DE BREAK JÁ, AGENTE NÃO CONHECIA COMO DANÇA, NA ÉPOCA TÁ BEM FLOTO NÃO O LEO FAZ UNS RABISCO EM CASA, E ELE, OS CARA, JÁ PALARAM O NOME, L.D. DE LEONARDO E FLY, SOAVA BEM NA ÉPOCA, E SE INSPIRAVA EM AMERICANO, ERA FLY COM "Y", MAS QUANDO EU VI QUE TINHA ALGO A VER COM BORBOLETA, JUMI TISEI O "Y".

COMO FOI ESSE LANÇER COMO E QUANDO VOCÊ ENTROU NA CULTURA HIP HOP?
 EM 84/85 JÁ CURTIA AS FÉRIAS E TÁ, E JÁ DANÇAVA NO RAP SEM SABER QUE ERA RAP, NA ÉPOCA MALCON MC LAREN, SUGGAR HILL, QANO, WHODINI, KOLAVIA E EU NEM SABIA QUE ERA RAP, EM 90 EU MUDEI PRA SERRA DOURADA E VI OS CARA DANÇANDO, FOI A PRIMEIRA VEZ QUE VI VÍDEO CARA DANÇANDO, MAS MÚSICAS QUE EU JÁ OUVIA, MAS BROTHERS, FOI AI QUE EU TIVE A NOÇÃO DO QUE ERA O MOVIMENTO, O BREAK, O RAP, CONHECI O CYBORG, PAULO BLACK, O ALEX FM, OS CARA QUE HOJE EM DIA E HISTÓRIA DO MOVIMENTO, GRACIAS A ELLES HOJE A GENTE TÁ AQUI PODENDO FALAR DO MOVIMENTO.

PÓ AI, EU TENHO NOTADO QUE HOJE TEM SIDO UM POUQUINHO MAIS FÁCIL, SELA PRÓ AI, B.BOF, ME E GRAFFITEIRO, E EU SEI QUE BASE, VINIL, INFORMAÇÃO, REVISTAS TEM CHEGADO AQUI, ANTES TUDO ERA MAIS "OBSC", EXPLICA ISSO AI.
 NUNCA ERA FÁCIL, NA ÉPOCA O PRESSIONAR MAIS DE 10 COMPANHEIROS DE DJS, BÓ QUE ERA TUDO DJ DE FUNN, TINHA ESPAÇO PARA TÁ TODO FINAL DE SEMANA EM BAILE, BAILE, E OS CARA USAVAM AS TÉCNICAS SCRATCH, BUCK, TO-DICK, O TEMPO PASSOU E GRACIAS A DEUS A CALDEIA ADEIRIU AO RAP, OS DJS BEM FIRMANDO PRO LADO DO RAP, E A DIFERENÇA PARCELO QUE AUMENTOU OS DJS TIRANDO O BÓ HOJE QUE EU SEI ANTES A DJS ATUAM EM GRUPO EM VITÓRIA, O QUE FALTA AQUI, O LANÇE É MATERIAL O VINIL, VEM CARO POR QUE O CARA JÁ COMPRA CARO, FICA DIFÍCIL, BEM EM VINIL, MAS EU ACHO QUE O QUE VAI MUDAR ISSO AI É OS CARA QUE ESTÃO COMEÇANDO DAR AS CARAS E APARECER MAIS, MOSTRAR MAIS INTERESSE, POR QUE OS VILDEO DE QUEBRIA PARCELO QUE BEM BROTHERS, MAIS DO QUE OS CARA QUE TÁO CHEGANDO AGORA, E NÃO TÁO EXPERIENCIADO ISSO.

POR QUE VOCÊ ESCOLHEU SER RAP E QUANDO VOCÊ COMEÇOU A TOCAR?
 DOM, TOCAVA TUDO FALTA DE FÉ, VOU PRA SER DJ MESMO, BÓ AI ENTÃO QUANDO EU RECEBI O CONVITE DOS CARA DO SUSPEITO NA MIRA PRA EU ME ENVOLVER COM ELLES, PÓ PRA BEM DJ TAMBÉM NA CASA, ENTÃO EU JÁ TINHA ATRAÇÃO DE, CONHECI O MOVIMENTO DANÇANDO, FIZ GRAFFITI COM VOCÊ, MAIS A MINHA MEMÓRIA ERA SER DJ, EU TIVE UM ENVOLVIMENTO COM OS TOCANDO EM 90/91, MAS COMO EU FIZ RAP NO FINAL DE 97, COM O SUSPEITOS, OS CARA ME CONVIDAM PRA TOCAR E EU TÔ ISSO ATÉ HOJE.

É A BBS -BANCA BICHO SOLTO? QUEM FAZ PARTE?
 O NOME FOI CRIADO POR NIM E LÉBÃO, A GENTE TÁO JUNTO NO ESTÚDIO, VÓI ATÉ NUM DIA DE ENSAIO A GENTE JÁ TAVA PENSANDO EM UM NOME PRA USAR, E NOTICIA TÁO TIRADA APARECENDO O BENTE ATUA E OS CARA JÁ TINHAM SE APRESENTADO COM NÓS, E NA MAIORIA DAS LETRAS ACITAVAMOS BICHO SOLTO, NA MANEIRA LIVRE DE SSR DOLAMOS BANCA BICHO SOLTO, E LÓOD DESPOIS VOU O ASSINADO, FORMANDO A BANCA COM O SUSPEITOS NA MIRA.

E AQUELA PERGUNTA QUE EU TÔ LIGADO QUE TODO MUNDO SE FAL, SÁPO O COP CADA O CD VÉP?
 BÓ, PRA QUEBRIER NA FRO, DENTIS DENTIS 2 ANOS AI NÃO COMEÇOU QUE FLO BÓ AI ANOS ATÉ HOJE, MAS PODE BROTAR UNS 7 ANOS QUE TEM, ENTÃO TEM A MÚSICAS PRONTAS, E PRA PRODUÇÃO TODA FEITA PELO LÉBÃO LA, NA BICHO SOLTO PRODUÇÃO, A MISTE DO DISCO JÁ TÁ PRONTA, E A GENTE PRETENDE LANÇAR ATÉ O MEIO DO ANO SE DEIXA QUEBRIER QUE NEM AGENTE AGUENTA MAS SERIAR.

RAP NACIONAL? JÁ COSTEI MUITO DE SISTEMA NEGRO, MAS TENHO OUVIDO MUITO RZO.
 RAP GRINGO O GANSTAS.

FILMES PERIGO PARA SOCIEDADE.
 CLIPES NÃO É NEM UM CLIBE MAS EU GOSTO DO MV BILL "SOLDADO DO MORRO" NO FREE JAZZ.

RAP HADJE, BÉ CAMPEÃO BRASILEIRO, DJ DO FINADO SOLTADO.

POR FRED (LDM)



WVS, JORGE SOUZA, 31 ANOS - OBSERVADORES - NOVA CARAPINA

QUANTAS PESSOAS É FORMADO O GRUPO?
 BROTOS OBSERVADORES ATUALMENTE É FORMADO POR 3 PESSOAS: O VOCAIS, NO CASO EU, NEIRO BÓRIS, JC E O DJ MIM TÁ COM A GENTE AGORA.

QUANTO TEMPO VOCÊ TÁ NA CORRERIA, NO HIP HOP?
 BÓ, EU ENTRI NO MOVIMENTO HIP HOP CARAPINA EM 92, NO INÍCIO EU ATUEI COMO DANÇARINO E TREINAVA NO BOLA DE VÉZ EM QUANTO, DEPOIS COMEÇEI A CANTAR, INICIALMENTE CANTANDO SOZINHO, DEPOIS EU FORMEI JUNTOS O FORTALECIDO, E FORAM CHEGANDO OUTRAS PESSOAS ATÉ CHEGAR NESTA FORMAÇÃO ATUAL.

MAIS OU MENOS QUANTOS ANOS TUDO ISSO?
 MAIS OU MENOS 10 ANOS QUE ESTOU ENVOLVIDO COM O MOVIMENTO HIP HOP.

ÉRE COMO VOCÊ VÊ O RAP NO ESPÍRITO SANTO?
 NA CARAPINA TEM UM PROGRESSO MUITO POSITIVO DE UM TEMPO PRA CÁ, O PESSOAL PROCURA SE PROFIONALIZAR DA VEZ MAIS E NÃO DEIXA NADA A DESEJAR EM RELAÇÃO A OUTROS ESTADOS, O RAP CARAPINA TÁ DE PARARÉNS.

IDEIA DOS SEUS TRABALHOS E PROJETOS PARA O FUTURO?
 NA CARAPINA PELA TÁ DO OBSERVADORES E MUITO GRANDE PÓI TEMOS UM CERTO TEMPO DE MOVIMENTO E BÓ PROFISSIONAIS DE CULÉTARIAS, MAS ESSE ANO AGOITE PRETENDI PRODUZIR, PELO MENOS O TRABALHO ESSE ANO E SE RAP QUIZER LANÇAR TAMBÉM, MAS LANÇAMENTO JÁ É UM POUQUINHO MAIS D "TCL".

TEM DE ALGO FORA DO RAP, CORRERIA, O QUE VOCÊ TEM FEITO, RELACIONADO AO MOVIMENTO HIP HOP?
 PRA UM DIA BARRER UM SERRA FAZER UMA PALESTRA A RESPEITO DE RAP, BREAK E GRAFFITI, E PRETENDO ORGANIZAR UM BOTO LÁ PRA QUE O MOVIMENTO SEJA MOSTRADO, E COM A AJUDA E ALCANCE DI HOJE NOS CONSERVAMOS FAZER UM BOTA DE BREAK EM COLATINA, CONSEGUI ESPAÇO, FORAM FEITAS APRESENTAÇÕES, E HOJE EM DIA FUNCIONA A OFICINA DE BREAK NO LOCAL.

QUE VOCÊ ACHA DOS GRUPOS DE RAP QUE ESTÃO APARECENDO?
 BÓ, TEM QUE FAZER UMA AVALIAÇÃO, UMA PERSPECTIVA, PRA VER QUANTO REALMENTE TEM E QUER COMPROMISSO COM O MOVIMENTO HIP HOP, SE SÃO, OU NÃO, PESSOAS QUE OLHAM PRO HIP HOP COMO MODISMO, POR QUE SE OS QUE ESTÃO CHEGANDO AGORA PENSAM NESTA FORMA E NEGATIVO ENTÃO ESSAS PESSOAS TEM QUE MOSTRAR REALMENTE QUE SÃO SÁPES E ESTÃO APITAS A FAZER PARTE DO MOVIMENTO HIP HOP CARAPINA.

LES SOBRE OS ELEMENTOS DO HIP HOP?
 O HIP HOP O MOVIMENTO HIP HOP SÃO OS 4 ELEMENTOS JUNTOS, ENTÃO EU ACHO QUE DEVE SE TER UM POUQUINHO MAIS DE BROTADA POR PARTE DE ALGUNS DI HOYS, NÃO SÃO TÍPOS, POR QUE VOU DANÇAR E NÃO SE INFORMAR SOBRE A CULTURE DE VOCE PERTENCE, EU NÃO CONSIDERO ELE COMO DANÇARINO DE BREAK.

APP OS QUE ESTÃO CHEGANDO AGORA PRECISAM LEVAR A SERIO E TER COMPROMISSO, SE TIVER ISSO SELAM BEM VINDOS GRAFFITIP O QUE EU VEJO EM MATERIA DE GRAFFITI NO ESTADO E QUE HOJE UM PROGRESSO MUITO GRANDE, E PODE TER DE FRENTE COM QUALQUER LUGAR DO MUNDO, NÃO VOU USAR DO BRASIL, REALMENTE O PESSOAL DO GRAFFITI TÁ PARADÉNS FAZENDO UM TRABALHO PROFIONAL.

APP OS DJS SÃO POUCOS, MAS OS POUCOS QUE TEM UM NÍVEL BOM, A NÍVEL DE BRASIL.

ALVE: PARA O PESSOAL DE COLATINA, MINHA TERRA NATAL, E PARA O ALEX FM, O PRIMEIRO B BOTO DO ESTADO, E QUE MERECCE TODO RESPEITO.

POR ALECK(DI)

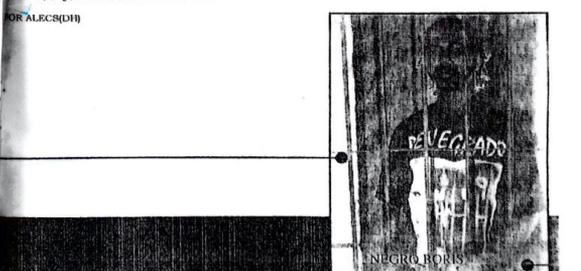


Figura 5 - Bombardeio nº2. Páginas Entrevistas páginas 7 e 8.

As páginas 7 e 8 contam com entrevistas do *rapper* Bóris e do DJ L.D.FLI, em que informam nome e sobrenome. Diferentemente da posição que os escritores urbanos assumem com seus pseudônimos, a Bombardeio nº 2 explica o porquê de preservar o anonimato no *graffiti*.

9 Geralmente são letras desenhadas rapidamente, com contornos, preenchimentos e traços para simular volume. P40 Lassala (2010). Bomb também pode ser o diminutivo de bombardeio e que pode assumir significado diferente para cada componente.

10 Existe vários tipos de bicos/caps, possuindo vários tamanhos e efeitos.

Para tal diferença, além de escrever o nome citam a banda, a cidade e foto dos músicos. Fredone e Alecs conduziram as entrevistas de forma coloquial, espontânea, utilizando gírias, mostrando as influências que o *hip-hop* capixaba estava sofrendo pela época, gosto pessoais e projetos.

Emético Zine nº3

A terceira edição do *fanzine*, que começou a ser produzida em 2003 e foi lançada no início de 2004, tem seu nome modificado. Fredone conta que soube de alguns boatos que já existira uma *zine* de *graffiti* de mesmo nome. Então, buscou-se na tradução de *trow-up* usar Emético (remédio do qual estimula a vomitar) na nova identificação. Sua diagramação da capa foi feita em computador e *scanner* e se assemelha com o processo da Bombardeio nº 2. A logo auxilia na compreensão de sentido de emético, como se fosse um vômito, jogado e espirrado em um fundo preto. Coloca-se apenas número 3 para indicar a edição do *zine*. No conteúdo mantém-se a entrevista, mas com personagens da cena do *graffiti*, Samuka componente da LDM-crew acrescenta um pequeno desenho de seu *graffiti* ao lado de seu pseudônimo. A ilustração por estar em xerox, não se compreende ao certo do que possa ser, contudo Fred conta que ele fotografou um *bomb* dele que fez em um caminhão do tipo baú, na cidade de Serra, em que escrevera Emético. Para compreender melhor a imagem, deve-se virar o *fanzine* em modo paisagem.

A página do editorial, vem titulada abaixo do nome do *Zine*, está em fundo preto e suas letras brancas escrevem uma poesia de Fredone em que traz “O *graffiti* é um protesto e somos os militantes da guerra pela consciência do ser humano, peço paz, vida e igualdade que nos é negada na cara dura...” [...] Fredone escreve incentivando todos a persistir no *graffiti*. Encontra-se na página do editorial a frase: “GRAFFITI FAZ PARTE”, o número de telefone e e-mail convidando outros *graffiteiros* a contribuir com os próximos *fanzines*. Com esse convite percebe-se uma abertura de acesso a câmera, celular e internet que acompanha o crescimento da cena e a importância de convidar a todos para fazer parte do *fanzine*. Fredone assina pela primeira vez o Editorial como Fred_LDM crew.

A Emético 3 teve em seu conteúdo uma página de anúncios, da qual as edições anteriores não tiveram. Fredone, ao fomentar o *graffiti* com o 1º Encontro de *Graffiti* da Serra - ES, adicionou o evento que estava acompanhado de um pequeno texto explicativo sobre a ação que iria acontecer. Ainda nessa página, anuncia-se propaganda de lojas de artigos de *hip-hop*, *graffiti* e *skate*, no qual fortalece a cena dos movimentos.

Nesta edição o *graffiti* fora do muro ganhou páginas para mostrar outros suportes, os que circulam, como caçambas, carros, trens e portas de aço essas que possuem uma circularidade temporal, não vista apenas ao dia, mas a noite, dando a rua outra configuração visual. Outro fato é que *graffiteiros* de outros estados ganharam espaço. As fotos são de câmeras analógicas.

Fredone se afastou das atividades do *zine* pois se tornou pai e ficou mais focado em cuidar dessa parte da vida, contudo, nenhum outro membro que participava da produção dos *fanzines* se propôs a continuar essa tarefa, após quatro anos de pausa, Fredone volta a atividade do Emético. Para esse retorno, a qualidade da imagem melhora pelo uso da câmera digital, a montagem e diagramação da matriz é feita toda em computador, sendo o uso da xerox, usado só para a repetição

e dispersão. No ano de 2004, a internet de banda larga começa a ser distribuída pelas cidades da GV e como o *zine* nº 4 foi lançado no ano de 2007, usufruiu da internet banda larga, o acesso de celulares capazes de tirar e armazenar fotos e materiais digitais que estava disponível nas redes sociais populares da época como o *Orkut* e o *photolog* que fomentavam a circulação de imagens.

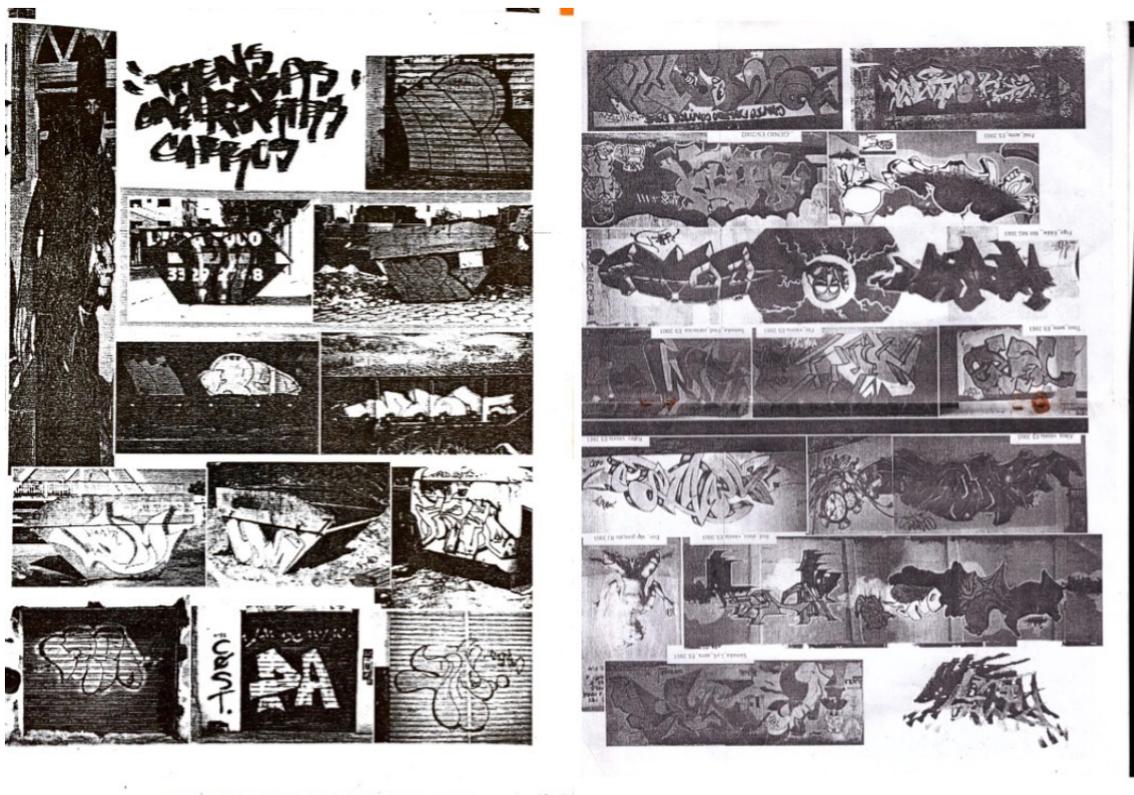


Figura 6 - Emético nº 3. Páginas 4 e 5.

Para a capa do Emético, Alecs criou uma logo, diferente dos títulos anteriores, retirando então o nome do *zine* como enunciado da capa substituindo por um logo. Nela anuncia a entrevista de Dothe C301, o mesmo que cedeu o *zine* nº 2, “O primeiro *zine* de *graffiti* do Espírito Santo”, ganha destaque, abaixo do preço. Ilustra-se com uma foto, em que Fredone e Alecs ao ‘*graffitarem*’ um carrinho de catadores de lixo, os fotografou e ao adicionar na capa preservou seus rostos.

No editorial Fredone explica que houve dificuldades para voltar com a 4ª edição. Ele destaca o crescimento do número de praticantes da cena, o alto nível de evolução e o alcance internacional que os *graffiteiros* capixabas obtiveram nos anos em que o *fanzine* ficou parado. Fredone ainda mantém seu lado poético e sensível e diz: [...] “os muros clamam por nossa arte, por nosso estado de espírito” [...] Por fim, Fredone passa a assinar o editorial como Fone LDM-crew. Na página do editorial é acrescentada de forma que destaca a Produção e Edição, em que apresenta Ren que se une a LDM crew e a produção do *zine*, com colaboradores de texto Ficore, AQI e Ren, termo de responsabilidade e telefones para contatá-los.

Emético nº4



Figura 7 - Emético nº 4. – página 3 - Evento de *Graffiti* em Ponta da Fruta (no alto) e página 6 e 7

O fanzine Emético nº 4 ganhou imagens com câmera digital e diagramação mais elaborada. A maioria das páginas são de *bombs*, *wildstyle*¹¹, personagens e algumas poesias, as imagens contam com mais qualidade, fica evidente uma evolução do *graffiti* com desenhos mais incrementados, mais técnicas, que também se deu pela entrada de uma variedade maior de acessórios de *graffiti* no ES. Com a maioria das imagens legendadas, pôde-se perceber a mudança pela qual alguns autores passaram, como por exemplo, em relação aos pseudônimos e a adoção da prática do muralismo. Outro exemplo é o caso de Dothe - C301, que cedeu entrevista e não pratica mais *graffiti*. O mesmo personagem que guardara a Bombardeio 2, escaneou e cedeu para esta pesquisa. A única página que não tem imagens de *graffiti* é a página que contém o evento que ocorreu em Ponta da Fruta em Vila Velha - ES, realizado por Luciano AQL, que descreve o dia dessa ação.

Emético Zine nº 5

A edição nº 5 foi a única que se tem a matriz colorida e em arquivo digital, foi xerocado para manuseio da pesquisa para se assemelhar a outras edições. Com ela em mãos, tem-se a ideia do *fac simile* que é usada por causa da replicação. Contudo, com a cor na matriz consegue “ler” o repertório dos *graffiteiros*, pode-se observar as cores usadas nos muros, as técnicas encontradas em suas produções que auxilia na análise das propostas dos editores.

Em 2008, a capa é diferente das edições anteriores. Dentro de um rolo de filme de cinema está uma mão reproduzindo uma *tag* de ‘canetão’ em foto. A logo ganha destaque e cor amarela, o preço não consta mais e em seu lugar foi acrescentado um código de barras. Anunciando as informações bem separadas. A capa chama atenção para a imagem da mão.

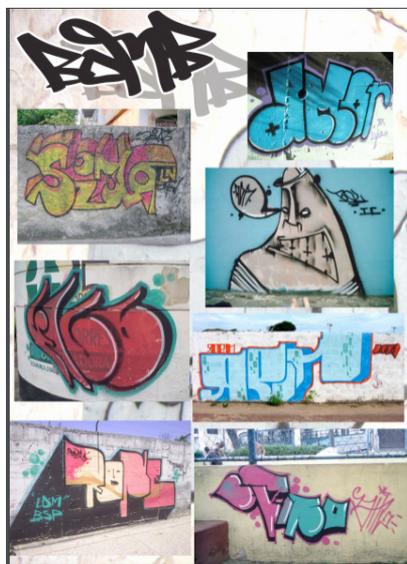


Figura 8 - Emético nº 5, Página 3 e 5

11 Letras bem traçadas e coloridas. Bombardeio nº1 (2002)

Nesse editorial, o texto vem em forma de protesto em que clama por um *graffiti* verdadeiro, o *graffiti* que habita as ruas, fazendo menção ao *graffiti* que está ganhando comercialização, publicidade e dinheiro. Direciona ao leitor à indagação, “isso é *graffiti* para você?”. Com isso, tenta fazer o leitor refletir sobre o *graffiti* que acontece nas ruas, remete a Costa (2011) em que “[...] apontava para um modelo de resistência à ordem artística burguesa agenciada nas grandes metrópoles do capital, virou moda, modismo mumificado.” Fredone se refere a esse modismo que tenta domesticar a rua para entrar nas galerias e no comércio da arte, deixando a cultura da rua como uma arte por menor e desvalorizada. Sem autoria de Fredone ou menção de *crew* é assinado: Somos escritores urbanos!

Em 2007 aconteceram eventos em prol do *graffiti* como o Mutirão ao Vivo e a Cores, realizado por 5 vezes na GV com realização da LDM-crew. Ficare BCL-Crew, colaborador de textos dessa edição, realizou o Primeiro Hip-hop Art em Jardim Camburi, bairro de Vitória. Esses eventos foram incluídos no *fanzine*, descrevem como foram as ações, deixando entender que o movimento do *graffiti* está crescendo. Também no nº 5 Moska C301 crew, faz homenagem para Dubox C301 crew com uma nota de falecimento que conta sua trajetória no movimento. Além disso, mostrou em categorias como *bomb*, *piece*¹², *blackbook*¹³ a produção de *graffiti art*.

Emético zine nº 6



Figura - 9, Página 2 e 3, 5 e 6.

Por fim, chega-se ao último *fanzine*, o Emético nº 6 é lançado. O logotipo que acompanhou os *fanzines* nº 4 e nº 5 é perdida por Alecs e Ren faz o nome do *fanzine* ganhando destaque como

12 Provém do termo *master piece* que significa obra prima. Termo não mais comum no Brasil.

13 Caderno de desenhos de *graffiteiros*.

título/logo, remete a uma assinatura feita a mão, diferentemente das outras ela é datada de mês e ano (março, 2011) e seu preço por dois reais. Com uma foto de um prédio nas ruas do Centro de Vitória, o que Fredone diz ser uma de suas fotos aleatórias que representa a experimentação do editor na cidade.

Sua capa é uma foto de Smoke de um muro, em xerox, muito apagada, suas letras são desenhadas e com movimento remetendo ainda ao *throw-up* esteticamente suave e como em todas as edições está mencionado “O Primeiro *Zine* de *Graffiti* do ES” e não é anunciado o conteúdo desta edição, bastou ser o primeiro *fanzine* do Espírito Santo.

Seu editorial sai da página 2 que agora recebe apenas as informações da autoria das produções do *zine* como aconteceu nas edições passadas, mas que ficavam na mesma página do editorial que no nº6 se encontra na página 4. Em todos os editoriais Fredone passa a mensagem da intervenção que surge como prática de resistência, “[...] um poder mobilizador como gesto e expressão de minorias guetificadas [...]” (COSTA, 2007). Com um texto reflexivo e poético, Fredone assina esta última edição com novo pseudônimo: Fredone Fone.

Por ser uma edição em 2011, a produção do *fanzine* que agora envolve a *crew* LDM, deixa-o mais suave com mais expressão do *graffiti*, mais imagens que fazem o leitor perceber seu ‘ao redor’ através do olhar que lançam em suas fotos e de Smoke sobre a rua, a passagem habitual, os lambes¹⁴, as placas que contém *stickers* (adesivos, tradução nossa). A produção LDM-*crew*, manteve o que o *zine* vinha fazendo durante as outras edições, poesias, textos de outras pessoas de fora do *fanzine* contribuindo com o conteúdo. Por exemplo, sobre a ação política de mobilidade urbana Bicicletada e um texto potente de Gentil LDM-*crew* em que retrata a censura, o vandalismo e arte.

Considerações Finais

Os *fanzines* contam uma parte importante da história do *graffiti* capixaba. Nota-se a experimentatividade, o amadurecimento e a evolução. É nessa ideia da memória e circulação, que o *graffiti* criou sua cultura visual e material pelas cidades do ES.

Vale ressaltar as alterações da capa com a evolução do acesso à tecnologia e a curiosidade dos produtores do *fanzine* em fazer as inovações que encontram ao desenrolar das edições e deixando em sua característica o primeiro *fanzine* de *graffiti* do ES. Em todos os editoriais Fredone Fone passa uma mensagem que faz refletir a condição que o *graffiti* existe, persiste e resiste. É um risco no cinza da cidade que busca possibilidade para a arte marginal.

Seu corpo e conteúdo buscou e transmitiu o experimentar e caracterizar o movimento do *graffiti* da época, em sua prática, sua crítica, sua circulação. Por fim, esses *fanzines* dão uma pequena mostra do que é e do que pode vir a ser o *graffiti* capixaba. Com alguma esperança, aguarda-se a(s) próxima(s) edição(ões).

14 Cartazes contendo desenhos, poesias entre outros e colados de modo caseiro, espalhados pelos muros da cidade.

Referências

A **FEBRE**. Direção: João Oliveira. Documentário Independente. 57 min. Espírito Santo. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=38KAlsVPy8Y&t=200s>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

BREDA, Isabela. **Para Além do grotesco: O graffiti em Vitória 2005-2015**. Programa de Iniciação Científica 2016/1017, realizada sob orientação do Prof. Dr. Aparecido José Cirillo. Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Departamento de Artes. 2017.

COSTA, da Luizan. **Grafite E Pixação: Institucionalização E Transgressão Na Cena Contemporânea**. In III Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP. p 177-183. São Paulo. 2007.

HAMANN, Cristiano. et al. **Entre o público e o privado: Discurso de mulheres em movimento de graffiti**. Ex æquo, nº 28, p. 45-58. 2013.

KESSLER, Lucenira. **Diálogos de traços: Etnografia dos praticantes de apropriações visuais do espaço urbano em Porto Alegre**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Antropologia Social sob orientação da Profa. Dra. Cláudia Fonseca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. 2008. 105p.

PAIVA, Rayza. **A Segunda edição do fanzine foi à feira**. 2013. Projeto de Graduação em Design Industrial sob orientação da Profa. Dra. Letícia Pedruzzi Fonseca. Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. 132p.

MARTINS, Raimundo. **Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual**. Educação & Linguagem. Volume 13. nº 22, p 19-31. 2010. <https://doi.org/10.15603/2176-1043/el.v13n22p19-31>

NORA. Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução por Yara Aun Khoury. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC- SP. Departamento de História. 1993.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética: uma (nova) introdução: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2000. 129 p

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **A imagem da palavra: a retórica tipográfica na pós-modernidade**. Teresópolis:Novas Idéias, 2007.

MAGALHÃES, Henrique. **O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design gráfico: do invisível ao ilegível**. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

Sobre a autora

Isabela Machado Breda é mestranda em Artes Visuais pela UFES da linha de pesquisa em História, Teoria e Crítica de Arte, Graduada em Artes Visuais pelo Centro de Artes da Universidade do Espírito Santo - UFES, pesquisadora de Arte Pública vinculada ao Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes - LEENA, Professora de Educação Infantil, Fundamental e Médio. isamachbreda@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0217475240924719>

Recebido em: 30-09-2020 / Aprovado em: 26-10-2020

Como Citar

Breda, Isabela Machado. (2020). Zine Circula Graffiti. A produção de fanzine de graffiti na Grande Vitória ES. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.1, n.2, p.119-137, jul./dez. 2020. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57579>



A revista Estado da Arte está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.